

Juber Baesso

Poética Aplicada



editar

Juiz de Fora
2024

Copyright 2024 by Juber Baesso
Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial,
sem a prévia autorização do autor.

Capa
NeoHub Studio

Revisão
André Luiz Gama

Editoração e impressão
Editar Editora Associada
(32) 3241-2670
www.editar.com.br - Juiz de Fora – MG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baesso, Juber

Poética Aplicada/ Juber Baesso. -- 1. ed. -- Juiz
de Fora, MG : Editar, 2024.

ISBN 978-65-86345-65-0

1. Gêneros literários - Estudo e ensino
2. Literatura brasileira - Crítica e interpretação
- I. Título.

24-197381

CDD-808

Índices para catálogo sistemático:

1. Gêneros literários 808

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Penitência	7
Justificativa.....	8

Capítulo I

Da Rima	9
1 - DEFINIÇÃO DE RIMA.....	9
2 - CLASSIFICAÇÃO DAS RIMAS	9
3 - RIMAS QUANTO À POSIÇÃO NO VERSO.....	9
3.1 - RIMAS EXTERNAS.....	10
3.2 - RIMAS INTERNAS.....	10
4 - RIMAS QUANTO À ACENTUAÇÃO	10
4.1 - RIMAS AGUDAS	10
4.2 - RIMAS GRAVES.....	10
4.3 - RIMAS ESDRÚXULAS.....	11
5 - RIMAS QUANTO À FONÉTICA.....	11
5.1 - RIMAS PERFEITAS.....	11
5.2 - RIMAS IMPERFEITAS.....	11
5.3 - RIMAS TOANTES.....	12
5.4 - RIMAS ALITERANTES	12
6 - RIMAS QUANTO AO VALOR.....	12
6.1 - RIMAS POBRES.....	12
6.2 - RIMAS RICAS.....	13
6.3 - RIMAS RARAS	13
6.4 - RIMAS PRECIOSAS.....	13
7 - RIMAS QUANTO À POSIÇÃO NA ESTROFE.....	13
7.1 - RIMAS CRUZADAS	14
7.2 - RIMAS INTERCALADAS.....	14
7.3 - RIMAS EMPARELHADAS	14

Capítulo II

Dos Poemas.....	15
1 - CLASSIFICAÇÃO DOS POEMAS	15

2 - DOS POEMAS QUANTO AO GÊNERO	15
2.1 - GÊNERO LÍRICO	15
2.2 - GÊNERO ÉPICO.....	16
2.3 - GÊNERO NARRATIVO	17
2.4 - GÊNERO DRAMÁTICO	19
2.5 - GÊNERO INTIMISTA.....	20
3 - DOS POEMAS QUANTO À FORMA	21
3.1 - HAICAI.....	21
3.2 - PANTUN	26
3.3 - RONDÓ.....	28
3.4 - SEXTILHA	29
3.5 - SONETO	32
3.5.1 - SONETO DE MATRIZ ITALIANA	32
3.5.2 - SONETO DE MATRIZ INGLESA	33
4 - TRIOLÉ.....	33
4.1 - DEFINIÇÃO DE TRIOLÉ	34
4.2 - TRIOLÉ SIMPLES.....	34
4.3 - TRIOLÉ DOBRADO NO FINAL.....	35
4.4 - TRIOLÉ DUPLO	35
5 - TROVA	36
5.1 - TROVA LÍRICA	36
5.2 - TROVA FILOSÓFICA	37
5.3 - TROVA HUMORÍSTICA.....	37
5.4 - TROVA DESCRITIVA	37
6 - VILANCETE.....	37

Capítulo III

Dos Conceitos Fundamentais.....	39
1 - ALITERAÇÃO	39
2 - ASSONÂNCIA.....	39
3 - ESCANSÃO	40
4 - ESTROFE.....	40
5 - MÉTRICA	41
6 - METRIFICAÇÃO.....	41
6.1 - REGRA GERAL	41
6.2 - SÍLABAS EXATAS.....	42
6.3 - SÍLABAS DESPREZADAS	42

7 - POESIA	43
8 - POEMA	44
9 - VERSIFICAÇÃO	45
10 - VERSO	45

Capítulo IV

Dos Recursos Usuais	47
1 - AFÉRESE	47
2 - APÓCOPE	48
3 - CRASE POÉTICA	48
4 - DIÉRESE	49
5 - ELISÃO POÉTICA	49
5.1 - EXEMPLO DE ELISÃO GRAMATICAL	50
6 - SINALEFA	50
7 - SINÉRESE	50

Capítulo V

Das Estrofes	52
1 - CLASSIFICAÇÃO DAS ESTROFES	52
2 - ESTROFE QUANTO À MÉTRICA	52
2.1 - ESTROFE SIMPLES	52
2.2 - ESTROFE COMPOSTA	53
2.3 - ESTROFE LIVRE	53
3 - ESTROFE QUANTO AO NÚMERO DE VERSOS	54
3.1 - MONÓSTICO	54
3.2 - DÍSTICO	55
3.3 - TERCETO	55
3.4 - QUARTETO	56
3.5 - QUINTETO	57
3.6 - SEXTETO	58
3.7 - SÉTIMA	58
3.8 - OITAVA	59
3.9 - NONA	59
3.10 - DÉCIMA	60
3.11 - ESTROFE IRREGULAR	61

Capítulo VI

Da Emissão da Voz	62
1 - DEFINIÇÃO DE EMISSÃO DE VOZ	62
2 - EMISSÃO DE VOZ POÉTICA	62

Capítulo VII

Do Aumento de Sílabas Métricas.....	63
1 - DIÉRESE.....	63
2 - HIATO POÉTICO	64
3 - PRÓTESE	64
4 - EPÊNTESE	64
5 - PARAGOGE	65

Capítulo VIII

Da Diminuição de Sílabas Métricas.....	66
1 - AFÉRESE.....	66
2 - SÍNCOPE	67
3 - APÓCOPE.....	67
4 - CONTRAÇÃO	67
5 - ECTLIPSE.....	67
6 - SINALEFA	68
7 - SINÉRESE	68
8 - TRITONGAÇÃO POÉTICA.....	70

Capítulo IX

Da Junção de Vogais.....	71
1 - GENERALIDADES	71
2 - JUNÇÃO DE VOGAIS FRACAS IGUAIS.....	71
3 - JUNÇÃO DE VOGAIS FRACAS DIFERENTES	72
4 - JUNÇÃO DE VOGAL FORTE COM FRACA	73
5 - POSSIBILIDADE DE JUNÇÃO DE QUATRO VOGAIS	76
6 - POSSIBILIDADE DE JUNÇÃO DE CINCO VOGAIS.....	77
7 - ELISÃO DE DITONGO E VOGAL FRACA	78
8 - ELISÃO DE VOGAL FORTE E DITONGO DECRESCENTE	79

Capítulo X

Outros Elementos de Versificação	80
1 - ENJAMBEMENT	80
2 - HIPÉRBATO	80
3 - CESURA.....	81

Penitência

Confesso-me culpado, mas não me perguntem como foi que errei. Eu não saberia explicar. Publiquei o livro “Manual do Poeta” 1ª edição, Niterói, RJ - Muiraquitã, 2022. Verificando lamentável equívoco recolhi a edição e os livros foram triturados. Todavia, alguns exemplares não foram localizados.

Justificativa

Constatando a inexistência de estudos reunidos sobre poesias, notadamente sobre “rimas”, “poemas”, “conceitos fundamentais”, “recursos usuais”, “estrofes”, “emissão de voz”, “aumento de sílabas métricas”, “diminuição de sílabas métricas”, “junção de vogais”, “enjambement”, “hipérbato” e “cesura”, voltei atenção para o estudo desses temas que ora disponibilizo.

Capítulo I

Da Rima

1 - DEFINIÇÃO DE RIMA

Rima é um recurso estilístico consistente nas repetições de sons: “vocais”, “consonantais”, ou “combinação de ambos”.

FALANDO DE RIMAS

Escrever texto rimado,
com som e repetição,
tudo bem metrificado
faz com arte uma canção

2 - CLASSIFICAÇÃO DAS RIMAS

As rimas podem ser classificadas:

- 1) quanto à posição no verso.
- 2) quanto à acentuação.
- 3) quanto à fonética.
- 4) quanto ao valor.
- 5) quanto à posição na estrofe.

3 - RIMAS QUANTO À POSIÇÃO NO VERSO

Quanto à posição no verso as rimas são classificadas em “rimas externas” e “rimas internas”.

As “rimas externas” ocorrem nos finais dos versos; as “rimas internas” se realizam no interior do verso, ao longo do verso.

3.1 - RIMAS EXTERNAS

O sol que surgiu tão brando
despontando após a aurora
foi logo a brisa empurrando
e a brandura foi-se embora

3.2 - RIMAS INTERNAS

Vaga hipótese que afaga
sem ver ou para rever
um alguém como ninguém
desde a aurora até agora

4 - RIMAS QUANTO À ACENTUAÇÃO

Quanto à acentuação as rimas são classificadas em:

- 1) Rimas agudas ou masculinas.
- 2) Rimas graves ou femininas.
- 3) Rimas esdrúxulas.

“Rimas agudas” são as que ocorrem somente entre palavras monossílabas ou oxítonas.

4.1 - RIMAS AGUDAS

Estou vivo como vês
foste tu quem me perdeu
se não entendes não lês:
o meu peito não ardeu

“Rimas graves” são as que ocorrem entre palavras paroxítonas.

4.2 - RIMAS GRAVES

Vivo por ti sempre atento
meu coração outro tanto
só me ocupa o pensamento
puro amor e meu encanto

“Rimas esdrúxulas” são as que ocorrem entre palavras proparoxítonas.

4.3 - RIMAS ESDRÚXULAS

Se são as dúvidas pálidas
antes das críticas cétricas;
quando diante das *cálidas*
usemos frases poéticas.

5 - RIMAS QUANTO À FONÉTICA

Quanto à fonética as rimas são classificadas em:

- 1) Rimas perfeitas ou consoantes.
- 2) Rimas imperfeitas ou parciais.
- 3) Rimas toantes ou assonantes.
- 4) Rimas aliterantes.

“Rimas perfeitas” são rimas que apresentam plena correspondência de sons repetidos.

5.1 - RIMAS PERFEITAS

Alguns versos são falados
enquanto outros são escritos;
há também para bailados
mas alguns são só descritos.

“Rimas imperfeitas” são rimas sem plena correspondência entre os sons que se repetem — a correspondência é apenas parcial.

5.2 - RIMAS IMPERFEITAS

Ao falar de amor outrora
em momentos de paixão
ou loucura sedutora
não pensava em aversão.

“Rimas toantes” são rimas com repetições de sons vocálicos.

5.3 - RIMAS TOANTES

Ao olhar a linda moça
sorridente e muito pálida
alquebrada a bela louça
derramando sua lágrima.

“Rimas aliterantes” são rimas com repetições de sons consonantais.

5.4 - RIMAS ALITERANTES

Pela estrada a caminhar
sempre em frente sem volver
no preparo do ensejar
sempre só querendo haver.

6 - RIMAS QUANTO AO VALOR

Quanto ao valor as rimas são classificadas em:

Rimas pobres.

Rimas ricas.

Rimas raras.

Rimas preciosas.

“Rimas pobres” são rimas entre palavras da mesma classe gramatical.

6.1 - RIMAS POBRES

Encantado via o gato
a beleza lá do lago
onde navegava o pato
sem ver do bichano o rabo.

“Rimas ricas” são rimas entre palavras que pertencem a classes gramaticais diferentes.

6.2 - RIMAS RICAS

Foi o atleta mais veloz
quem se sagrou na corrida
ele estava até sem voz
pela prova concorrida.

“Rimas raras” são rimas que ocorrem entre palavras que permitem poucas possibilidades de aproximação fonética; rimas que têm terminações incomuns ou pouco usadas; rimas entre verbos e pronomes.

6.3 - RIMAS RARAS

No lago nadando o cisne
ostentando a fina estirpe
de branco que o sol não tisne
disse ao visitante chispe.

“Rimas preciosas” são rimas construídas artificialmente a partir da combinação de palavras distintas no que se refere à classe gramatical e aproximação fonética.

6.4 - RIMAS PRECIOSAS

Não dê poder às “calúnias”
são inverdades sem crédito;
são só invejas: “resume-as”:
esse fato não tem mérito.

7 - RIMAS QUANTO À POSIÇÃO NA ESTROFE

Quanto à posição na estrofe as rimas são classificadas em:

- 1) Rimas cruzadas, entrelaçadas ou alternadas.
- 2) Rimas intercaladas, interpoladas ou opostas.
- 3) Rimas emparelhadas.

“Rimas cruzadas” ocorrem alternadamente, rimando entre si os “versos ímpares” e os “versos pares”.

7.1 - RIMAS CRUZADAS

Bem assim quando amanhece
na cidade ou no sertão
logo a gente reconhece
com clareza logo então.

“Rimas intercaladas” ocorrem entre o “primeiro e o quarto verso”, e entre o “segundo e o terceiro verso”.

7.2 - RIMAS INTERCALADAS

Eu me lembro com saudade
daqueles beijos roubados
amores exacerbados
depois veio a liberdade.

“Rimas emparelhadas” ocorrem entre o “primeiro e o segundo verso” e entre o “terceiro e o quarto verso”.

7.3 - RIMAS EMPARELHADAS

Quando estavas na janela
eu ficava abaixo dela
fazendo a ti serenata:
jovem fazendo bravata.

Capítulo II

Dos Poemas

1 - CLASSIFICAÇÃO DOS POEMAS

“Poema” é texto literário elaborado em versos e podem ser classificados em:

- 1) Quanto ao gênero.
- 2) Quanto à forma.

2 - DOS POEMAS QUANTO AO GÊNERO

Alguns dos principais gêneros de poemas são:

- 1) Lírico.
- 2) Épico.
- 3) Narrativo.
- 4) Dramático.
- 5) Intimista.

2.1 - GÊNERO LÍRICO

O “gênero lírico” tem caráter sentimental e subjetivo. O poeta utiliza o lirismo como modo de expressar sentimentos de forma “entusiasmada” ou “apaixonada” para desenvolver temas relacionados ao amor e à natureza.

LIRISMO URBANO

Eu te vejo em sonhos meus
desde quando aquele dia
que beijei os lábios teus
com fulgor muita alegria

Foi na longa noite curta
no salão de festas claro
e lá fora um pé de murta
exalando aroma raro

Finalmente amanheceu
quando a festa terminou
você desapareceu

Em meus sonhos acordado
imagino os lábios teus
com prazer apaixonado

2.2 - GÊNERO ÉPICO

O gênero “épico” se caracteriza pelos aspectos seguintes:

- 1) Versa sobre aventuras ou feitos heroicos com a presença de elementos mitológicos.
- 2) Narração na terceira pessoa.
- 3) Divisão em livros ou cantos.
- 4) Nota-se que o texto apresenta introdução, invocação, narração e epílogo.
- 5) Como principal característica há a presença de heróis valorizados por seus feitos.
- 6) O próprio termo épico significa narrativa em versos de fatos grandiosos centrados na figura de um herói ou de um povo.
- 7) Os limites destes “estudos” não comportariam exemplificar o “gênero épico”.
- 8) Além dos mais expressivos argumentos, o autor não seria ingênuo o suficiente para tentar tal façanha, mas não tem o direito de omitir essas informações.

SONETO DA NEGAÇÃO

Não farei poema épico
não serei ingênuo a tanto
não quero ser tão patético
envolvido em tosco manto

Calçarei simples sandálias
da minha pura humildade
para evitar as “ordálias”
como quer comunidade

Épico das aventuras
narração em vários livros
e o valor das formosuras

Elementos mitológicos
os heróis valorizados
além de tons psicológicos

2.3 - GÊNERO NARRATIVO

O gênero “narrativo” conta uma história e para tanto requer:

- 1) A presença de um narrador.
- 2) Um ou mais personagens.
- 3) Um enredo.
- 4) Um tempo.
- 5) Um espaço.

POEMA NARRATIVO

Vinha o filho brincalhão
todo feliz para casa
na mochila sua prenda
saltitante o coração

Trazia a linda criança
um ninho de passarinho
com dois ovos de lembrança
recolhidos com carinho

Esperava-o no portão
sua mãe toda contente
vestida de camisã
muito bela e sorridente

Belo dia fim de tarde
o menino tomou banho
a mamãe ficou de verde
mas viu algo meio estranho

Na floresta os canarinhos
tristes e desaninhados
entre outros passarinhos
choravam acabrunhados

Fria noite e madrugada
a criança não dormia
viu a mãe desesperada
pensou logo em anomia

Minha mãe quero sair
vou ao campo devolver
já não consigo abstrair
sem malfeito resolver

Disse à mãe todo o ocorrido
em busca de solução.
Meu filho muito querido
encontrei resolução:

Amanhã de manhãzinha
iremos ver passarinhos
numa festa bem mansinha
não faremos burburinhos

Quando fores à floresta
outro dia novamente
veja os ninhos pela fresta
e se afaste totalmente

2.4 - GÊNERO DRAMÁTICO

O gênero “dramático” se caracteriza:

- 1) Pela encenação com linguagem gestual.
- 2) Exposição de diálogos ou monólogos.
- 3) Visa impactar o leitor ou ouvinte.

POEMA DRAMÁTICO

Arde forte, peito meu!
Sangra forte, coração!

Quero sofrer esta dor
quero morrer de paixão
quero sangrar sem pudor
quero lacrar meu caixão

Arde forte, peito meu!
Sangra forte, coração!

Estes dias que me restam
estes tempos sem prazer
estes sonhos já não prestam
estes modos meu jazer

Arde forte, peito meu!
Sangra forte, coração!

Vou morrendo lentamente
vou sangrando até o fim
vou partindo finalmente
vou deixando tudo enfim

Arde forte, peito meu!
Sangra forte, coração!

2.5 - GÊNERO INTIMISTA

O gênero “Intimista” se caracteriza:

- 1) Pela introspecção.
- 2) É voltado para o íntimo do próprio autor.
- 3) Expõe emoções e sentimentos do autor.

SONETO INTIMISTA

Hoje acordei com saudade
do futuro que sonhei.
Nunca foi realidade,
mas foi bom assim ganhei.

Eu sonhei ser sapateiro
quando estava na lavoura;
bem depois quis ser vendeiro,
mas pensei vida vindoura.

Tantas curvas minha estrada:
do começo já bem longe
sem qualquer ação frustrada.

Caminhando o meu caminho
doces frutos vou colhendo:
no meu canto, no meu ninho.

3 - DOS POEMAS QUANTO À FORMA

Alguns poemas são considerados como sendo de forma fixa. Segue uma seleção:

- 1) Haicai.
- 2) Pantun.
- 3) Rondó.
- 4) Sextilha.
- 5) Soneto.
- 6) Triolé.
- 7) Trova.
- 8) Vilancete.

3.1 - HAICAI

O “haicai” é um diminuto poema japonês de forma fixa. Um terceto constituído por dezessete sílabas poéticas sem rimas (e sem rigor métrico) que são distribuídas em três versos:

Primeiro verso: “o primeiro com cinco sílabas”.

Segundo verso: “o segundo com sete”.

Terceiro verso: “o terceiro com cinco”.

Pela formatação o “haikai” aparenta ser um poema fácil de ser construído.

Não é tão fácil assim.

Não basta o poemeto ter um formato de 5-7-5.

Não.

O “haikai”, se não for uma versão nipônica do clássico silogismo grego, é seu parente próximo, “primo-irmão”: vejamos as semelhanças — ou perfeita identidade conforme “seis lições” seguintes:

PRIMEIRA LIÇÃO: O “haikai” como silogismo.

O silogismo clássico compõe-se de três termos:

- a) premissa maior
- b) premissa menor
- c) conclusão

O “haikai” compõe-se de três termos:

- a) fato
- b) circunstância do fato
- c) instante imagético da realidade

SEGUNDA LIÇÃO: A estrutura do “haikai”.

O “haikai” não é uma questão apenas de formatação. É formatação também. Mas os três versos hão de ser estruturados, de forma que inevitavelmente representem:

“O fato”.

“A circunstância do fato”.

“O instante imagético da realidade”, um *flash* de um instante singular, — essa constatação é um detalhe vital, uma sutileza gritante na estrutura do simpático “haikai”.

TERCEIRA LIÇÃO: A dissecação de um “haikai”.

Rebentam-se vagas
afrontando encostas rijas
agito do mar

“Rebentam-se vagas” — Era uma manhã, por volta das sete horas, na “Praia de Itacoatiara”, Niterói. Minha esposa e eu observávamos com interesse a ressaca com violentas vagas que se desfaziam na resistência oferecida pela encosta rochosa que as impedia de prosseguir furiosas. Era um “fato”.

“afrontando encostas rijas” — As vagas produzidas pela ressaca pareciam combater a encosta rochosa que se erguia no cenário, imponente e tranquila, como uma fortaleza militar a impedir o avanço das furiosas ondas oceânicas. “Circunstância do Fato”.

“agito do mar” — Encantado com a luta das águas afrontando a encosta, num *flash*, percebi e registrei o “agito do mar”. “Instante imagético da realidade”.

Fato: “Rebentam-se vagas”

Circunstância do fato: “afrontando encostas rijas”

Instante Imagético da Realidade: “agito do mar”

QUARTA LIÇÃO: O “haikai” japonês.

O “haikai japonês” possui as seguintes características:

- 1) Sintético.
- 2) Simples.
- 3) Imagético e Simbólico: capta um fragmento da realidade.
- 4) Inspirado na natureza.

“Sintético”: A forma do haikai é a síntese por excelência; uma “minissíntese” que deve passar uma mensagem completa.

“Simples”: Nada de palavras rebuscadas, pois o rebuscamento de palavras eloquentes prejudicaria a simplicidade.

“Conteúdo imagético e simbólico”: Uma cena; uma imagem; uma impressão sensorial; — Um fragmento da realidade; um *flash* como um registro fotográfico.

“Inspiração em elementos da natureza”: Os fluxos das estações do ano; os ciclos da natureza e seus elementos: o vento, a terra, o frio, a chuva, os animais, o mar, as florestas, as flores etc.

QUINTA LIÇÃO: O “haikai” brasileiro.

1) O “haikai” chegou ao Brasil em 1906 traduzido por Monteiro Lobato e publicado no jornal “O Minarete”.

2) Em 1919, coube ao crítico literário Afrânio Peixoto propor uma primeira forma composicional para o haikai brasileiro: três versos com 5-7-5 sílabas métricas, respectivamente.

3) Em 1930, Guilherme de Almeida sugeriu que fosse incluída uma rima interna no segundo verso.

4) A partir da década de 1930 muitos outros autores se dedicaram ao gênero “haikai”.

5) Em Niterói coube ao polígrafo Luís Antônio Pimentel a arte de escrever “haicais”.

6) Depois de extrapolar as fronteiras culturais japonesas, o minúsculo poema libertou-se dos estreitos limites temáticos originais e hoje pode ser talhado para expressar momentos os mais variados. Contudo, como estudado acima, continua sujeito aos termos que o vinculam ao “silogismo”, uma versão asiática exibindo parentesco de primeiro grau com a conexão de ideia surgida no grego antigo. Sem

os parâmetros do “silogismo” os famosos três versos e suas dezessete sílabas não formarão um “haikai”.

SEXTA LIÇÃO: O “haikai” onomástico.

Coube a Luís Antônio Pimentel inaugurar o estabelecimento dos “haicais” onomásticos com suas homenagens a pessoas do meio cultural de Niterói:

Neide Barros Rêgo,
deusa da califasia,
brilha em novo Olimpo

PRIMEIRO VERSO: “Neide Barros Rêgo” — Onomástico de pessoa de existência real. Não se cuida de onomástico fictício ou imaginário, criado para compor um verso. “Neide” é “fato”.

SEGUNDO VERSO: “deusa da califasia” — Aqui pedirei auxílio ao doutor dicionário para que possamos conhecer o significado dessas duas palavras: “deusa” e “califasia”: (— Que significa doutor, a palavra deusa? — Essa palavra designa divindade feminina. Em poética significa mulher bela, adorável. — Entendi. — E a palavra califasia, doutor? — É uma palavra muito interessante, de origem grega. É usada para designar arte, prática ou técnica de falar as palavras com uma boa dicção, expressiva, bonita e elegante: “Convenceu os ouvintes usando toda a sua califasia”.) Neide poderia ser médica, dentista, diplomata, empresária etc., mas não é. Neide é detentora de um belíssimo currículo, rico e vasto, que não será trazido aqui para não desviar o foco desses estudos. Neide é diplomada pelo cur-

so Olavo Bilac, no Rio de Janeiro, fundado e dirigido pela professora Maria Sabina; é fundadora e diretora do CCMS – Centro Cultural Maria Sabina, onde, com sua equipe, mantêm entre outras atividades culturais, um curso de arte de dizer (Curso que já frequentei como aluno). “Neide” é cantora lírica e declamadora. Eis, em poucas linhas, virtudes e atividades de Neide Barros Rêgo.

São essas as circunstâncias que motivaram o poeta a moldar o “haicai” em exame e justificam a escolha das palavras deste segundo verso para simbolizar a “circunstância do fato”.

TERCEIRO VERSO: “brilha em novo Olimpo” — Volto ao dourado dicionário para saber o significado de “Olimpo”. — Na mitologia grega, “Olimpo” era o lugar onde moravam os deuses; lugar onde reina a felicidade.

Este verso resulta da captura que Pimentel fez na circunstância do fato — o “instante imagético da realidade”.

Fato: Neide Barros Rêgo,
Circunstância do fato: deusa da califasia,
Instante imagético da realidade: brilha em novo Olimpo.

CONCLUSÃO: São essas as argumentações que embasam a sustentação de que o “haicai” tem uma estrutura silogística. Caso contrário, poderá ser qualquer coisa, mas não será “haicai”.

3.2 - PANTUN

O “pantun” é forma poética que teve início no século XV na Malásia, no sudeste asiático.

- 1) Poema de temática amorosa.
- 2) Organizado em estrofes de quatro versos.
- 3) Esquema de rimas alternadas.
- 4) O “segundo” e o “quarto” versos de cada estrofe se repetem como o “primeiro” e o “terceiro” versos da estrofe seguinte.
- 5) O verso com que se conclui o poema é o mesmo que o iniciou.

PANTUN DO SILÊNCIO
“Não fale, não diga nada”,
“aperte mais minha mão”,
“faça a promessa quebrada”
“não precisar de perdão”.
(Amália Max¹)

Aperte mais minha mão
queira sempre, sempre e muito
não precisar de perdão
faça disso seu intuito

Queira sempre, sempre e muito
merecer sua atenção
faça disso seu intuito
se mereça, coração

Merecer sua atenção
esse doce privilégio
se mereça, coração
você é um sonho régio

¹ Amália Max Buss (Ponta Grossa/PR, 13/07/1929 - Ponta Grossa/PR, 08/07/2014). Professora, pintora e trovadora. Era filha de João Max e Maria Cuckstorf Max.

Esse doce privilégio
de ter vida apaixonada
você é um sonho régio
não fale, não diga nada

3.3 - RONDÓ

A forma fixa do “rondó” se manifesta em ser um poema contendo “treze versos” em “duas quadras” e “uma quintilha”. Os dois primeiros versos da primeira quadra se repetem no final da segunda quadra; o primeiro verso da primeira quadra se repete como o último verso do poema. A métrica é flexível.

RONDÓ DA SAUDADE GUARDADA

Trago a saudade dentro do meu peito
bons momentos de passado distante
onde guardo-a sempre com muito jeito
para bem reviver a cada instante

Pelo mundo onde andei eu fui perfeito
novo povo diferente e intrigante
trago a saudade dentro do meu peito
bons momentos de passado distante

Ao mundo eu fui viver sem preconceito
sempre fui eu mesmo meu comandante
fui feliz tendo o vinho como amante
lembrança seletiva sem defeito
trago a saudade dentro do meu peito

3.4 - SEXTILHA

A “sextilha” é forma preferida pelos cordelistas e repentistas. Caracteriza-se pela composição do poema em ilimitadas estrofes de “seis versos” em que as rimas ocorrem somente entre os versos pares.

MINHA SAGA

Eu saí de muito longe
para tão perto chegar
caminhando pela estrada
procurando o meu lugar
eis-me aqui aonde cheguei
mesmo andando devagar

Uma história muito longa
do princípio até o final
começou quando eu nasci
na fazenda palmital
muitas coisas se passaram
desde a pia batismal

Vou contar devagarinho
sem de nada me esquecer
bem claro fique, entretanto
desde o meu alvorecer
eu me lembro com saudade
nada vai envelhecer

Depois dessa introdução
sairei dos pormenores
passarei ao andamento
das venturas, as melhores
pois derrotas não se contam
mesmo estando aos arredores

Lá na hora do batismo
escreveram nome errado
mas não sou um ser errante
e não sou um emburrado
sou feliz alternativo
muito bem determinado

Completando os sete anos
lá chegou a professora
— Dona Dedê, seu menino
carece de uma instrutora
vim aqui fazer matrícula
numa escola promissora

Bem no começo das aulas
já fiquei apaixonado
pela coleguinha nova
um encanto emocionado
coisas boas de crianças
tudo bem relacionado

Mas o tempo foi passando
cada qual tomou seu rumo
eu voltando para a roça
desespero, meu resumo
vida segue, tempo passa
e novamente eu me aprumo

Já rapaz, bem rapazola
viajei pra capital
recorrendo a novos sonhos
viver bem é o principal
sem rumo meio perdido
mas tudo era essencial

Ingressei como recruta
um soldado brasileiro
a doar sua força jovem
nos seus tempos de solteiro
foi um ano na caserna
sem deixar de ser mineiro

Verdadeiro recomeço
meu viver desempregado
um vai e vem de guerreiro
a correr desesperado
procurando por emprego
um sonhador obstinado

Foi longo período curto
nestes tempos namorava
eram duas do lugar
sem saber se me casava
fui tocando a vida em frente
para ver com quem ficava

Foi assim meu casamento
que acabou antes do fim
foi um tempo complicado
muitas lutas mesmo assim
sonhos belos não vingados
mas foi muito bom pra mim

Sobre filhos não direi
vou contar a saga minha
que seguiu por outros rumos
onde a estrada me encaminha
lá se vão três novas décadas
e eu aqui na mesma linha

Não falei dos meus trabalhos
dos empregos que ocupei
não disse de tantas coisas
de lugares onde andei
finalmente, sou poeta
desde que me aposentei

3.5 - SONETO

A forma fixa do “soneto” consiste em ser composto por “quatorze versos” (quase sempre líricos).

Os sonetos costumam ser compostos em versos decassílabos, mas podem ser talhados com qualquer outro número de sílabas métricas.

São duas as matrizes que orientam os sonetos:

1) Matriz “italiana”: “quatorze versos” distribuídos em “duas quadras” e “dois tercetos”, sendo que o “último terceto” deve ser uma “síntese” do conteúdo do poema.

3.5.1 - SONETO DE MATRIZ ITALIANA

O chorar constantemente
já integra o meu viver
só não sei ultimamente
por que choro sem querer

Quando choro de saudade
meu chorar é claudicante
mas eu choro tempestade
por você a cada instante

Você não ficou comigo
me deixou seguir em frente
não te esqueço não consigo

Oh, folgosa juventude!
Só te tenho nas lembranças:
por ti choro em plenitude.

2) Matriz “inglesa”: “quatorze versos” distribuídos em “três quadras” e “um dístico”.

3.5.2 - SONETO DE MATRIZ INGLESA

É necessário o adeus dar
ficam marcas são lembranças
sempre quando terminar
um processo de mudanças

Não se permita, entretanto
que a mutação se termine
siga a lançar-se, portanto
até que tudo germine

Noutros campos outros brados
velho corpo forças novas
mais esforços nestes prados
enfrentando velhas provas

Sempre empenhos renovados
como bons enamorados

4 - TRIOLÉ

“Triolé” é um poema que tem rima e forma fixas e deve sempre trazer leveza e alegria. Para fins de estudos serão consideradas: “uma definição” e “três formações básicas”:

4.1 - DEFINIÇÃO DE TRIOLÉ

Triolé tem formas básicas
três delas são principais
com leveza e um tanto mágicas
são bonitas, são as tais

Começando é o triolé
simples m"as há o dobrado
que depois vem dar olé
com um duplo redobrado

A seguir alguns modelos
desses versos bem contados
quem quiser pode aqui vê-los

Triolé é distração
forma de moldar a vida
distraindo o coração

1) “TRIOLÉ SIMPLES”: Compõe-se de uma estrofe de oito versos com oito sílabas, e rimas: /abaa-abab/, sendo que o 4º e o 7º versos são repetições do 1º verso, e o 8º, repetição do 2º verso.

4.2 - TRIOLÉ SIMPLES

Icarai vida noturna
mas Santa Rosa é gastronômica
na mesa uma alguém taciturna
Icarai vida noturna
só não se vê noite soturna
ali se faz vida econômica
Icarai vida noturna
mas Santa Rosa é gastronômica

2) “TRIOLÉ DOBRADO NO FINAL”: Compõe-se de 10 versos decassilábicos ou octossilábicos e rimas /abaa-abbaab/, sendo que os versos 1º, 4º e 9º são idênticos, e o 10º é repetição do 2º verso.

4.3 - TRIOLÉ DOBRADO NO FINAL

Ó Santana de Cataguases
de minha infância e mocidade
assim também és de outras fases
Ó Santana de Cataguases
és o meu céu e minhas bases
o meu sonho e minha saudade
és minha terra e vaidade
eis que de mim tu não desases
Ó Santana de Cataguases
de minha infância e mocidade

3) “TRIOLÉ DUPLO”: Adaptação do “triolé simples” para um novo formato, sendo que este vem composto em três quartetos e a repetição do 1º quarteto no final, sendo que o 1º, 4º, 7º versos são idênticos; o 2º verso e o 8º são idênticos; a última estrofe é repetição da 1ª “estrofe”. Resulta na seguinte fórmula de rimas: /abaa/abab/abaa/abaa/.

4.4 - TRIOLÉ DUPLO

Somos Baesso e Mariquito
Famiglia tutti buona gente
Sem papagaio ou periquito
Somos Baesso e Mariquito

Na fazenda era só mosquito
Mas na cidade há repelente
Somos Baesso e Mariquito
Famiglia tutti buona gente

Italiano muito aflito
Viu no Brasil Mundo emergente
Unidos todos em um grito
Nosso Mundo Novo é o infinito

Somos Baesso e Mariquito
Famiglia tutti buona gente
Sem papagaio ou periquito
Somos Baesso e Mariquito

5 - TROVA

“Trova” é um poema setessilábico de quatro versos que possui sentido completo em uma única estrofe.

O segundo verso deve necessariamente rimar com o quarto.

O primeiro verso pode rimar com o terceiro.

A “trova” deve ter caráter simples e emocional para “um povo”.

Todos os versos devem exprimir a mensagem única desejada pelo trovador.

As “trovas” são classificadas em quatro categorias:

1) “Trova lírica”: Fala de amor, saudade, paixão, desejo, ou aquelas que contenham sentimento, entusiasmo, ardor, exaltação.

5.1 - TROVA LÍRICA

Ao sentir tua leveza
na meiguice de um olhar
percebi tua beleza
como um sonho para amar

2) “Trova filosófica”: Encerra ensinamento de vida, pensamento especulativo ou algum grau de filosofia ou exortação à virtude.

5.2 - TROVA FILOSÓFICA

Ser feliz é só querer
resolver e decidir
sem se deixar envolver
nada em ti vai incidir

3) “Trova humorística”: Essa trova tem como propósito despertar um estado de ânimo cômico, uma ironia delicada e alegre.

5.3 - TROVA HUMORÍSTICA

Sou valente mato ou morro
não me importa a escuridão
sempre sei pra onde eu corro
com perfeita exatidão

4) “Trova descritiva”: Descreve algo, podendo trazer em seu conteúdo as três categorias anteriores.

5.4 - TROVA DESCRITIVA

Minha terra favorita
tem na praça um chafariz
e muita gente bonita
além da Igreja Matriz

6 - VILANCETE

“Vilancete” É um poema tipicamente campesino constituído por um “mote” glosado em “duas” ou mais “sétimas” ou “oitavas” que têm o nome de “voltas” e finaliza com a reprodução “inteira” ou “parcial” de um dos versos do “mote”.

VILANCETE DO AMOR

Lavrador que lavra a terra
por amor sofre por ela:
— A filha do meu patrão

Cantando passo meus dias
a pensar no grande amor
deste pobre lavrador
buscando só alegrias
preenchendo horas baldias
acordo pensando nela
se hei de vê-la na janela

Vendo a terra florescer
imagino os lábios dela
como sendo a flor mais bela
vida dura hei de vencer
como a planta há de crescer
dias frios dias quentes
falo nela em meus repentes

Ali perto, a casa dela
no roçado vejo agora
quem lamenta, canta e chora
por amor sofre por ela
sem querer formar querela
quero ver sem ser entrão
— A filha do meu patrão

Capítulo III

Dos Conceitos Fundamentais

Este capítulo compõe-se de uma seleção de “conceitos fundamentais” ao exercício da arte de poetar:

- 1) Aliteração.
- 2) Assonância.
- 3) Escansão.
- 4) Estrofe.
- 5) Métrica.
- 6) Metrificação.
- 7) Poesia.
- 8) Poema.
- 9) Versificação.
- 10) Verso.

1 - ALITERAÇÃO

“Aliteração” consiste na repetição de “fonemas consonantais” para produzir efeitos sonoros.

Salve saudade sedosa
venha ver velha verdade

2 - ASSONÂNCIA

“Assonância” é a versão vocálica da “aliteração”. Consiste na repetição de “sons vocálicos”.

Bela donzela aquela
Arlinda menina linda

3 - ESCANSÃO

“Escansão” é o procedimento e técnica de decomposição do verso através da verificação da métrica. É o caminho inverso ao da metrificação. O poeta vai decompondo o verso ao tempo em que o vai construindo, porém, ao final, ele faz uma verificação. Essa verificação é a “escansão”.

O verso está construído
conforme jeito e vontade,
ele está bem instruído,
escansão outra metade.

Da escansão hora é chegada
decompor fazer leitura
e volver sobre a pegada
para ver a direitura

4 - ESTROFE

“Estrofe” é um conjunto de versos em que pode estar subdividido um poema, mas uma “estrofe” pode ser constituída por um único verso.

Ao escrever alguns versos
muitas vezes eu não sei
quantos são os universos
ou lugares que passei

Mas depois de começado
as ideias vão surgindo
como tudo bem traçado
e comigo interagindo

Logo após um pouco além
já voltando pela estrada
não me encontro com ninguém
vejo então bem na entrada:

— Epitáfio de meu bem!

5 - MÉTRICA

“Métrica” é a medida do verso. Constitui-se de um conjunto de regras destinadas a ordenar a medida, o ritmo e a organização dos versos.

Uma parte da retórica
que visa medir um verso
é pura questão teórica
do poeta um universo

6 - METRIFICAÇÃO

“Metrificação” é a contagem das sílabas tônicas e a observação da pronúncia das palavras. É a medida do verso.

6.1 - REGRA GERAL

Ato de versificar
por método apropriado
é compor ou versejar
em sistema harmonizado

Para sílabas contar
ordenando cada verso
até final aprontar
como um todo um universo

O contar metrificado
faz composição padrão
verso personificado

Pois a metrificação
é instrumento do poeta
para a versificação

6.2 - SÍLABAS EXATAS

Essas flores que lhe dou
as colhi do coração
onde você as plantou
para dar-me inspiração

Hoje eu vivo a cultivar
com encanto o meu jardim
nosso recanto de amar
nossas flores de carmim

Nosso longo caminhar
pela estrada de nós dois
não vai nunca definhar

Passa o tempo e o tempo vem
de viver como ninguém
nossa vida assim convém

6.3 - SÍLABAS DESPREZADAS

As palavras preferidas
na composição poética
são aquelas requeridas
para formação estética

Além da última tônica
sílabas são desprezadas
e não há medida fônica
para serem recontadas

Última tônica finda
o verso que foi escrito
vejam só que coisa linda

Com as regras bem munidos
os poetas bem versejam
os restos serão banidos

7 - POESIA

“Poesia” é arte contida em um texto lírico que utiliza recursos próprios, como musicalidade, ritmo e rimas para provocar emoções e pode assumir formas como versos, estrofes ou prosa. Mas a “poesia” pode estar também em outras expressões artísticas.

EXPRESSANDO POESIA

Como expressar poesia
de sensações universo
uma emoção que extasia
ocupando só um verso

Como expressar poesia
numa tela de arte plástica
ao gosto da burguesia
ou da favela sarcástica

Como expressar poesia
melodiando o discurso
no falar com cortesia

Como expressar poesia:
emoção ou sensação
chegam por sinestesia.

8 - POEMA

“Poema” é texto literário em versos.

DEFINIÇÃO DE POEMA

Um poema é texto em versos
contendo estrutura e métrica
emoção seu universo
em composição simétrica

Se poesia é texto lírico
e sua espécie poema
cântico pode ser rico
tendo o verso como tema

Por outro lado poema
tem muitas classes ou mais
e não há nenhum problema

Poema expressão artística
numa escrita literária
com variação linguística

9 - VERSIFICAÇÃO

“Versificação” é o ato ou efeito de “versificar”, de “versejar”. É a arte, o método ou a maneira de fazer versos. É o exercício da metrificação por meio de normas próprias para construção do verso medido que se realiza na contagem das sílabas. Mas existem versos livres, portanto, sem sujeição à métrica.

DEFINIÇÃO DE VERSIFICAÇÃO

Ato de versificar.

Eis a versificação!

O mesmo que versejar
com efeito, e rimação.

Se os versos formam conjunto
uma estrofe podem ser,
mas há o verso disjunto
que bem pode aparecer.

Para bem versificar
é preciso conhecer
e saber verificar

toda a versificação
com prazer, satisfação
e ter boa intuição.

10 - VERSO

“Verso” é o nome que se dá a cada uma das “linhas de um poema”, que geralmente formam estrofes, mas existem poesias de texto único, bem como estrofes monósticas e poemas de um só “verso”.

DEFINIÇÃO DE VERSO

Veio do latim *versus*
ensina a etimologia
mas depois ganhou um *plus*
talvez por analogia

Cada linha de um poema
bem metrificada ou não
em contexto de um sistema
será verso ou um senão

Pois o bom versejador
sabe do verso que faz:
é na forja o forjador

Sendo o verso um instrumento
o poeta é seu artífice
que fará o afinamento

Capítulo IV

Dos Recursos Usuais

Entre os muitos recursos cujo domínio é fundamental ao exercício da arte de versificar, esta seleção é de especial interesse:

- 1) Aférese.
- 2) Apócope.
- 3) Crase poética.
- 4) Diérese.
- 5) Elisão poética.
- 6) Sinalefa.
- 7) Sinérese.

1 - AFÉRESE

“Aférese” é a supressão de fonemas ou letras no “início” de uma palavra. Ocorre “aférese” quando, por conveniência ou necessidade métrica, se suprime um “fonema inicial” da palavra ou mesmo toda a “sílabas inicial”. A “aférese” acontece no falar coloquial.

USO DA AFÉRESE

Quando “tou” em casa à toa
fico “té” descontrolado
passo o dia numa boa
pois “cê” “tá” “qui” do meu lado

2 - APÓCOPE

“Apócope” é a supressão de um ou mais fonemas ou sílabas no “final” da palavra. A “apócope” é evolução da língua, mas não elimina a palavra originária. “Cine” não elimina cinema; “moto” não elimina motocicleta. Ao poeta compete fazer a opção quando metricamente conveniente, porém, tendo em conta a linguagem usada na construção dos versos, pois o uso da norma culta é incompatível com o uso da “apócope”, forma popular.

Quando finda o processo apocópico na evolução da língua a palavra originária desaparece do vernáculo.

USO DA APÓCOPE

“Des” que você inda queira
a “foto” está disponível.
Queremos, sim, que requeira.
Sem o quê não é possível.

3 - CRASE POÉTICA

“Crase poética” é a fusão fonética de duas “ou mais” vogais quando a última vogal da palavra é igual à vogal que inicia a palavra seguinte. Importante lembrar que a “crase poética”, diversamente da “crase gramatical”, pode ocorrer sendo as vogais idênticas e igualmente fracas.

USO DA CRASE POÉTICA

“Triste e extenuada” vinha
“revisitando o” passado;
em “cada avanço” sozinha
lendo um papel amassado

4 - DIÉRESE

“Diérese” é a transformação de uma “semivogal” dos encontros vocálicos em “vogal”, ou seja, é a transformação de um “ditongo gramatical” em “hiato poético”, aumentando uma sílaba métrica no verso.

USO DA DIÉRESE

Única vaidade minha
não chega a ser “vaidade”;
aquela minha saudade
era apenas “saudade”

5 - ELISÃO POÉTICA

“Elisão poética” é um fenômeno fonético que se realiza pela “junção” de duas “ou mais” vogais distintas entre o “final” de uma palavra e o “início” da palavra seguinte, mesmo que a vogal seguinte esteja antecedida de /h/ sem som. A “elisão poética”, sendo, como é, um “fenômeno fonético”, não modifica a grafia das palavras.

Diversamente da “elisão poética”, “na elisão gramatical” a vogal átona final da palavra desaparece diante da inicial vocálica da palavra seguinte.

USO DA ELISÃO POÉTICA

O meu peito “canta e” chora
“relembrando aquela” flor,
pois, “quando é a” bela senhora
que beijou-me com calor.

5.1 - EXEMPLO DE ELISÃO GRAMATICAL

A “minh’alma” quando chora
os meus olhos enchem “d’água”
pois sinto “n’alma” a melhora
assim me afogando “n’água”

6 - SINALEFA

“Sinalefa” é um fenômeno fonético que ocorre quando a “vogal fraca” no “final” de uma palavra perde sua autonomia silábica, tornando-se “semivogal”, e, juntando-se à “vogal inicial” da palavra subsequente, forma “ditongo crescente”. É “espécie” da modalidade “elisão poética”.

USO DA SINALEFA

“Este amor” sem preconceito
“deste amante aprisionado”
sempre reto em seu conceito
segue em “frente apaixonado”

7 - SINÉRESE

“Sinérese” é o nome que se dá à contração de duas vogais contíguas “no corpo de uma palavra” em um ditongo, ou seja, a transformação de um “hiato” em “ditongo crescente”. A “sinérese” ocorre, ou por conveniência de estilo, ou por necessidade de metrificação.

USO DA SINÉRESE

Era uma tarde suave,
mas “suave” a noite chegava
ninguém encontrava a chave
mas o “luar” aconchegava

SINÉRESE FACULTATIVA

O “ciúme” será deveras
devastador e cruel
um ciúme das severas
mulheres querendo anel

SINÉRESE RECUSADA

Do deserto do “Saara”
um “baú” ao “Paraíso”
era “aorta”, coisa rara
via “aérea” sem aviso

SINÉRESE “NÃO” RECOMENDADA (REGIONALISMO)

Muito embora o “friú” de lá
vindo do “riu” para cá
seja tão “friú” como está
esse “riu” passa acolá

Capítulo V

Das Estrofes

1 - CLASSIFICAÇÃO DAS ESTROFES

“Estrofe” é a divisão do conjunto de versos de um poema.

As “estrofes” classificam-se:

- 1) Quanto à métrica.
- 2) Quanto ao número de versos.

2 - ESTROFE QUANTO À MÉTRICA

Quanto à métrica as estrofes podem ser:

- 1) Estrofe simples.
- 2) Estrofe composta.
- 3) Estrofe livre.

“Estrofe simples” é a estrofe que possui versos com apenas uma medida.

2.1 - ESTROFE SIMPLES

Tarde fria vai passando
vai mais tarde anoitecer
e a friagem vem chegando
vejo o tempo entardecer

Lá na copa chocolate
eu sentado na varanda
no jardim rosa escarlata
nossa tarde como é branda

Nossos dias nossas noites
velhos tempos novos dias
lá se vão nossos pernoites

Dias calmos pachorrentos
como outrora preparamos
com os nossos incrementos

“Estrofe composta” é a estrofe constituída por versos de medidas alternadas, como, por exemplo, versos ímpares com sete sílabas e pares com quatro sílabas.

2.2 - ESTROFE COMPOSTA

Na vida infantil fagueira
feliz eu era
saltitando a tarde inteira
Oh primavera!

Bem cedo eu me levantava
leve e ligeiro
saudável quanto eu estava
café primeiro

Começava a brincadeira
jogos queimadas
alegria verdadeira

Depois de tempos passados
recordações
dos belos dias cessados

“Estrofe livre” é a estrofe constante de versos despidos de medidas métricas ou rimas, versos sem normas pré-fixadas.

2.3 - ESTROFE LIVRE

Quero cantar o amor
versejando a todo tempo
ludibriando a saudade e a dor
neste peito aprisionadas

Eu só choro quando canto — um choro de cantador
Quero cantar o amor libertando o amor primeiro
ao livrar-me do passado canto o canto derradeiro

3 - ESTROFE QUANTO AO NÚMERO DE VERSOS

Quanto ao número de versos a estrofe pode ser:

- 1) Monóstico.
- 2) Dístico.
- 3) Terceto.
- 4) Quarteto.
- 5) Quinteto.
- 6) Sexteto.
- 7) Sétima.
- 8) Oitava.
- 9) Nona.
- 10) Décima.
- 11) Estrofe irregular.

3.1 - MONÓSTICO

“Monóstico” pode ser um verso isolado como epigrama ou inscrição de um só verso como também pode ser estrofe de verso único.

USANDO MONÓSTICO

Meu amor e a prima dela,
ao cais para despedida:
vestido com cabidela,
pois era a minha medida.

Nossos olhares choraram
quando o navio partiu:

Um triste olhar... Um adeus.

3.2 - DÍSTICO

“Dístico” nomeia uma estrofe constituída de apenas dois versos, independentemente de rimas ou número de sílabas.

USANDO DÍSTICO

Minha cidade tão linda
não encontro outras iguais,
pois não há, não vi ainda,
mas são todas desiguais

O casario imponente
em cada porta um vigia
que sob telhado vertente
fica atento todo o dia

Eles não querem me ver:
eu não tenho onde morar.
Eu lhes faço padecer:
vão passando sem me olhar

Eles sabem e não assumem
o porquê desse existir.

Lindo espaço bem florido:
vivo cá eu sou da rua.

3.3 - TERCETO

“Terceto” é tão somente um conjunto de três versos.

USANDO TERCETO

A vida de jardineiro
contada em poucas palavras
cuidando bem do canteiro

Borboletas no jardim
no beiral um marimbondo
elas felizes assim

Belas rosas nas roseiras
uma beleza sem par
nas lindas plantas caseiras

Sou feliz alternativo:
borboletas me cativam,
marimbondos, relativo.

3.4 - QUARTETO

“Quarteto” é tão somente um conjunto de quatro versos independentemente de rimas.

É importante não confundir “quarteto” com “trova”. “Trova” é um poema setessilábico de quatro versos com sentido completo em uma única estrofe.

USANDO QUARTETO

Quantas saudades carrego
daqueles tempos vividos
com as loiras e morenas:
doce infância e mocidade

Doce infância e mocidade
neste peito bem guardadas
com sabor de novidades
quando sempre lembradas

Faço aqui meu juramento
de amor e fidelidade
ao passado de tormento
que me deu longevidade

Saudades controvertidas
quase sempre complicadas
mas também são divertidas
eis aqui bem explicadas

3.5 - QUINTETO

“Quinteto” ou “quintilha” é um bloco formado por cinco versos. A “quintilha clássica” é normalmente composta de “redondilhas”, maiores ou menores.

A “quintilha maior” é formada por cinco versos heptassilábicos, também conhecida por “redondilha perfeita” ou “medida velha”.

USANDO QUINTILHA MAIOR

Eu sou sangue brasileiro
nasci no sertão mineiro
fui ao Rio de Janeiro
a fim de ganhar dinheiro
afinal eis-me altaneiro

A “quintilha menor” é formada por cinco versos pentassílabos, também conhecida como “redondilha menor”.

USANDO QUINTILHA MENOR

Essência da vida
sempre pretendida
aquela atrevida
comigo envolvida
partiu comovida

3.6 - SEXTETO

“Sexteto” ou “sextilha” é uma estrofe com rimas deslocadas constituída de seis linhas, seis versos, geralmente de sete ou onze sílabas, fazendo rimar as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos, isto é, sem rimas obrigatórias.

SEXTETO SETESSILÁBICO

Eu vim lá da minha terra
 não foi para passear
 viajei de muito longe
 para também frasear
 contando neste repente
 uma história salutar

SEXTETO HENDECASSILÁBICO

Perfeito andarilho ao sair do sertão
lá na minha terra eu só tenho beleza
e a saudade cá dentro do velho peito
a mim engrandece e faz-me fortaleza
vivo aqui, mas lá vive minha querida
o sonho da minha evidente certeza

Casarei com ela e assim bem juntos, só
viveremos nós bela e pura nobreza

3.7 - SÉTIMA

“Sétima” ou “septilha” é uma estrutura de sete versos. Criada por Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador, cantador alagoano que, por adaptação da “sextilha”, formou o estilo de “sete versos”, também chamado de “sete linhas” ou de “sete pés”, fazendo rimar o 2º verso com o 4º e o 7º versos; o 5º com o 6º. Geralmente sem preocupação com o número de sílabas.

USANDO SÉTIMA

Seu moço aquela criança
daqueles tempos de outrora
hoje vive desse jeito
desde que rompeu a aurora
catando latas na praia
comendo sopa de arraia
sempre andando areia afora

3.8 - OITAVA

“Oitava” é um conjunto de oito versos, destacando-se a “oitava-rima” ou “oitava heróica”, composta por versos decassílabos com rimas perfeitas.

USANDO OITAVA

Uma história do povo brasileiro:
vastas terras, pedras muitas, e ouro
povo heróico dos rios garimpeiro
em busca do rico metal e louro
sangue e dor nessa luta de guerreiro
bateia suor lágrimas de choro
um Brasil cobiçado pelo mundo:
querem riquezas do solo fecundo

3.9 - NONA

“Nona” é um bloco poético composto de nove versos. Como exemplo este poema composto por duas nonas.

USANDO NONA

O meu Deus de antigamente
que morava lá no céu
trazido tão de repente

para embate tão cruel
haverá de conduzir
o Teu povo Deus fiel
que se deixou atrair
nessa luta muito inglória
eis que Tu és Deus, oh glória!

Resgatado o teu rebanho
dessa aventura maldita
descerá fogo tamanho
da Tua glória bendita
arrependei povo estranho
Deus também na terra habita
não permite povo antanho
mas ao ordeiro habilita
e ao farsante não visita

3.10 - DÉCIMA

“Décima” é um conjunto de dez versos que pode ser usado como um poema único ou estrofe.

USANDO DÉCIMA

Deixai-me amor traiçoeiro,
o que esperas tu de mim?
Vivendo aqui sempre assim
solo em pele de carneiro:
Sou um velho boiadeiro
vagando pelas estradas
longe das Forças Armadas
perto dos meus animais
e dos guardas florestais
cativo das namoradas

3.11 - ESTROFE IRREGULAR

“Estrofe irregular” ou “estrofe bárbara” é uma estrofe formada por mais de dez versos.

USANDO ESTROFE IRREGULAR

Barbaridade, meu Deus!
Minha história aonde vai
sem ferir os sonhos meus?
Seja como for, meu Pai
sigo aqui os planos Teus:
vejo a chuva quando cai
para crentes ou ateus;
quando chove o sol não sai
mas aqui nos Pirineus
tudo é lindo e sobressai,
porém, sendo um extraneus
volver à casa me atrai:
me despeço e dou adeus!

Capítulo VI

Da Emissão da Voz

1 - DEFINIÇÃO DE EMISSÃO DE VOZ

“Emissão de voz” é a produção de um som articulado pela “voz humana”. Cada vogal é pronunciada em uma “única emissão de voz”, assim como cada sílaba também é pronunciada em “uma só emissão de voz”.

“Emissão de voz” é som
voz humana articulada
variável em seu tom
mas de forma modulada

2 - EMISSÃO DE VOZ POÉTICA

Na formação de sílabas poéticas, considerando-se a “emissão de voz”, muitas vezes a vogal final de uma palavra pode unir-se à vogal inicial da palavra seguinte. Desse modo duas ou mais vogais formam “uma única sílaba poética” — “uma só emissão de voz poética”.

“Bela é a alfazema” lindeira
“ornamento e” fantasia
“beleza e olores” na beira
lá “da estrada onde extasia”

Capítulo VII

Do Aumento de Sílabas Métricas

O “aumento de sílabas métricas” pode ocorrer mediante a utilização de diversos artifícios e regras no processo de versificação, entre os quais:

- 1) Diérese.
- 2) Hiato poético.
- 3) Prótese.
- 4) Epêntese.
- 5) Paragoge.

Essas três últimas: “prótese”, “epêntese” e “paragoge” são modos de acrescentar uma vogal, respectivamente: “no início”, “no meio” e “no final” de uma palavra.

1 - DIÉRESE

“Diérese” é a transformação de uma semivogal dos encontros vocálicos em “vogal”, ou seja, é a transformação de um “ditongo gramatical” em “hiato poético”, aumentando uma sílaba métrica no verso.

USANDO DIÉRESE

A vaidade era só minha
ardorosa “vaidade”
uma atitude que eu tinha
de pensar na “saudade”

2 - HIATO POÉTICO

“Hiato poético” consiste em não realizar a “crase” ou “elisão” que normalmente ocorreria quando a palavra termina em vogal tônica e a seguinte se inicia por /vogal/ ou /h/ sem som.

USANDO HIATO POÉTICO

Ela “fará” “a” cantar
uma suave canção
que “durará” “o” jantar:
um louvor em oração

3 - PRÓTESE

“Prótese” é a mudança na grafia ou na pronúncia de uma palavra mediante a adição de fonemas no seu início.

Diversamente da prefixação, a prótese não muda o significado da palavra.

USANDO A PRÓTESE

Uma menina “avoadá”
desde quando se “alevanta”
no “arraiar” com a passarada
“arrodeia” ri e canta

4 - EPÊNTESE

“Epêntese”, o mesmo que “suarabácti” ou “anaptixe”, é modo de inclusão de uma vogal na parte interna da palavra, alterando sua pronúncia. É um “fenômeno fonológico” que deve ser evitado, aceitando-se a sua utilização apenas por licença poética.

USANDO EPÊNTESE
Fui na vida borracheiro
formei filho “adevogado”
estudou com o dinheiro
de muito “peneu” furado

5 - PARAGOGUE

“Paragoge” ou “epítese” é o acréscimo de um fonema ou uma sílaba no final da palavra que às vezes ocorre no falar coloquial.

USANDO PARAGOGUE
Para amar em Portugal
um amor bem refletido
“amare” é coloquial
sem alterar o sentido

Capítulo VIII

Da Diminuição de Sílabas Métricas

A “diminuição de sílabas métricas” pode ocorrer mediante a utilização de diversos artifícios e regras no processo de versificação, entre os quais:

- 1) Aférese.
- 2) Síncope.
- 3) Apócope.
- 4) Contração.
- 5) Eclipse.
- 6) Sinalefa.
- 7) Sinérese.
- 8) Tritongação poética.

1 - AFÉRESE

“Aférese” é a supressão de fonemas ou letras no início de uma palavra. Ocorre “aférese” quando, por conveniência ou necessidade métrica, se suprime um “fonema inicial” da palavra ou mesmo “toda a sílaba inicial”. A “aférese” acontece no falar coloquial.

USANDO AFÉRESE

Hoje o “Zé” “tava” demais
“cê” nem sabe o que ele fez
mas “inda” queria mais
pra “cabar” logo de vez

2 - SÍNCOPE

“Síncope” é a supressão de fonema no interior de uma palavra. As “síncopes” ocorridas na evolução histórica da língua não devem ser consideradas para fins poéticos. A “síncope” ocorre no falar coloquial.

USANDO SÍNCOPE

Mesma coisa, “pra” é para
um “corgo” também é córrego
“grupa” à garupa equipara

3 - APÓCOPE

(“Apócope”: Vide “apócope” no Capítulo IV – Recursos Usuais)

4 - CONTRAÇÃO

“Contração” é um efeito gramatical consistente na “redução em uma só” de “duas vogais contíguas em palavras subsequentes”.

USANDO CONTRAÇÃO

Eis “minh’alma” aprisionada
cheios “d’água” olhos sofridos
são pingos “d’ouro” e mais nada
por amores deferidos

5 - ECTLIPSE

“Ectlipse” é a desnasalação de uma vogal final antes de palavra começada por vogal. Em outras palavras, é a desconsideração do /m/ final para formação de ditongo com a vogal inicial seguinte. Porém, ambas as formas podem ser contadas “como uma única sílaba poética” ou “como duas sílabas poéticas”.

USANDO ECTLIPSE
Fui com a menina ao luar
ou
Fui “co’a” menina ao luar

6 - SINALEFA

“Sinalefa” é um recurso poético consistente na “contração fonética” de duas vogais átonas que se transformam em “ditongo crescente” mediante a perda de autonomia pela vogal fraca final de uma palavra que, agregando-se à vogal fraca inicial da palavra seguinte, forma “ditongo crescente”. É espécie da modalidade “elisão poética”.

USANDO SINALEFA
“Este amor” sem preconceito
“deste amante aprisionado”
sempre reto em seu conceito
vai sofrendo apaixonado

7 - SINÉRESE

“Sinérese” é a contração de duas vogais contíguas em um ditongo, ou seja, a “transformação de um hiato” em “ditongo crescente”.

A “sinérese” ocorre, ou por conveniência de estilo, ou por necessidade de metrificação. Enquanto a “sinalefa” ocorre entre palavras, a “sinérese” ocorre no “corpo de uma palavra”.

USANDO SINÉRESE
Sendo o “poeta” enganador,
seus versos “suave” escrevendo

a dissimular “sua” dor
oculta o que está sofrendo

OUTRA POSSIBILIDADE DE SINÉRESE

Outra possibilidade de “sinérese” está nos “encontros vocálicos ascendentes” que são formados por “vogal” ou “semivogal átona seguida de vogal” ou “semivogal tônica”. É a presença obrigatória dessa “vogal tônica” que diferencia esta modalidade de “sinérese”.

VOGAL TÔNICA NA SINÉRESE

É meu ciúme por “ciúme”
não há saúde sem “saúde”

IMPOSSIBILIDADE DE SINÉRESE

Há um grupo de “encontros vocálicos” que, excepcionalmente, não aceitam a “sinérese”, isto é, serão sempre pronunciados como hiato. Geralmente, são “grupos vocálicos” formados pela vogal /a/ seguida das vogais /a/ /e/ ou /o/ tônicas, como em “Saara”, “aéreo”, “aorta”, ou ainda, em alguns casos com a vogal /a/ seguida das vogais /i/ ou /u/ tônicas. São exceções especialmente selecionadas, mas na prática, fica na dependência da competência e sensibilidade do poeta.

SINÉRESE IMPOSSÍVEL

O Deserto de Saara será “Saara”
Via aérea sempre “aérea”
Paraíso sempre “Paraíso”
Um baú sempre “baú”

OUTROS CASOS DE IMPOSSIBILIDADE DE SINÉRESE

Não há como proceder a “sinérese” nos “encontros vocálicos descendentes”, aqueles formados por vogal tônica seguida de vogal átona. Ou seja, não há como pronunciar esses “encontros vocálicos” como “ditongos”. Serão sempre “hiatos” para fins de metrificação. São, entre muitos: “tua”, “lua”, “frio” e “rio”, que, em sílabas poéticas serão sempre: “tu-a”, “lu-a”, “fri-o”, “ri-o”. Todavia, como a questão é fonética, em algumas regiões do Brasil é comum o uso de uma “falsa sinérese” nesses “encontros vocálicos”.

“riu” por “ri-o”
“fri-u” por “fri-o”

8 - TRITONGAÇÃO POÉTICA

A “Tritongação Poética” se realiza quando um “ditongo crescente” se funde foneticamente a “ditongo decrescente” de igual vogal (na palavra seguinte) para formação de um “tritongo fonético”.

USANDO TRITONGAÇÃO POÉTICA

Meio “oblíquo outrora” e prosa
“Mágoa audaciosa” minha

Capítulo IX

Da Junção de Vogais

Neste capítulo serão abordadas regras gerais e hipóteses de junções de vogais:

1 - GENERALIDADES

A regra geral é a possibilidade de junção de vogais entre o final de uma palavra e o início da palavra seguinte formando uma sílaba poética, mas existem regras especiais, condições e exceções.

Da junção encurtamento
para a métrica ajustar
os versos em comprimento
conforme necessitar

2 - JUNÇÃO DE VOGAIS FRACAS IGUAIS

As vogais fracas iguais podem unir-se livremente por “crase”.

As vogais fracas iguais
são juntadas só por “crase”
sem alterações formais
ou no sentido da frase

“Junção de duas vogais fracas iguais” somente por “crase”.

“Para amar” vai-se bem longe
“amando o” coração bate
“forte e” fica qual um monge
quando por nada se abate

“Junção de três vogais fracas iguais” somente por
“crase”: Diversamente da “crase gramatical”, a “crase poética” não se limita a apenas duas vogais.

É simples exercitar
“para a ativação” impende
somente capacitar
e de nada mais depende

3 - JUNÇÃO DE VOGAIS FRACAS DIFERENTES

As vogais fracas diferentes podem unir-se livremente
por “elisão”.

Vogais fracas diferentes
juntam-se por “elisão”
pelas regras pertinentes
eis aí nossa visão

“Junção de duas vogais fracas diferentes” por “elisão”.

“Quando estou” pensando nela
meu pensar viaja rápido
meu viver é só por ela
pois com “ela o” tempo é plácido

“Junção de três vogais fracas diferentes” somente por “elisão”.

“Sempre o atendimento” meu,
“mas quando a escrita o exigir”,
será como prometeu
em nosso modo de agir

EXCEÇÃO

Uma vogal fraca sempre faz junção com a vogal inicial da palavra seguinte, seja ela fraca ou forte, salvo se for necessário evitar formação de sons duros, desagradáveis que não puderem ser evitados por meio de outros recursos da versificação.

“Ventura” “única” “é”:
“Ventura” “ávida” amor;
para recordar-se até
o desabrochar da flor.

4 - JUNCTÃO DE VOGAL FORTE COM FRACA

Uma vogal “forte” pode fazer junção com “vogal fraca” inicial da palavra seguinte, mas é uma junção arriscada. Todavia, se preferir fazê-la, tenha o maior cuidado para não formar uma nova palavra ou a produção de som desagradável ou inconveniente.

Uma junção perigosa
melhor que seja evitada
é maneira rigorosa
mas deve assim ser tratada

“Rejeição de vogal forte com fraca”: Algumas vezes são “recusadas” junções de “vogal forte” com “vogal fraca” para evitar formação de outra palavra não pretendida.

Debruçado na janela
eu “vi” “a” menina rindo
era a mãe cuidando dela
quando olhei a porta abrindo

“Junção de vogal forte com fraca com som desagradável”: Em certos casos a recusa de junções de vogal forte com vogal fraca se dá para evitar formação de sons desagradáveis.

Mais que “tu”, “ardo” eu por ela
quando a vejo no jardim
bem juntinho à casa dela
entre os ramos de jasmim

SOMENTE UMA VOGAL FORTE

Existem seis hipóteses de “elisão” contendo vogal forte, mas nunca haverá mais de uma vogal forte na junção.

Vogal forte uma somente,
seis hipóteses distintas:
“isto é assim” literalmente
com clarezas bem sucintas.

PRIMEIRA HIPÓTESE: A “vogal forte está entre duas vogais fracas” que podem ser iguais ou diferentes.

“Esta é a” primeira das seis
hipóteses aventadas
como vimos todas fáceis
e assim vão sempre juntadas

SEGUNDA HIPÓTESE: A “vogal forte está seguida de duas vogais fracas iguais”. Neste caso, a vogal forte se junta por “elisão” às duas “vogais fracas” já unidas por “crase”. Desconsidera-se /h/ mudo.

Sim, “é a ambição” que nos prende
quando assim nós preferimos
mesmo tendo o que impende
muitas vezes nos ferimos

TERCEIRA HIPÓTESE: A “vogal forte está antecedi- da por duas vogais fracas iguais”. Neste caso, as duas vo- gais já unidas por “crase” se juntam por “elisão” à vogal forte.

“Como o elo” tão prometido
farei cumprir o cartão
que depois de remetido
avisarei no portão

QUARTA HIPÓTESE: A “vogal forte está antecedida por duas vogais fracas diferentes”. Neste caso, juntam-se simplesmente por “elisão”.

“Foste o âmago”, meu amor
de tudo que já vivi
desde o frio até o calor
“foste o anjo” como previ

QUINTA HIPÓTESE: A “vogal forte vem seguida por duas vogais fracas diferentes”. Neste caso, a inclusão da vogal forte na “elisão” é facultativa.

Sei que “virá o espelho” meu.
É “bisotê” “o apontado”.
Foi você quem me atendeu
e mostrou-me um bisotado.

SEXTA HIPÓTESE: Nas junções de “vogal fraca” com “vogal forte ou fraca da palavra seguinte” é recomendado evitar sons duros e desagradáveis. Por outro lado, mesmo não fazendo elisões, a construção pode ficar desagradável.

“Amo”, “ótimo” pensar,
filosofia e prazer,
para bem recompensar
o meu dia de lazer.

5-POSSIBILIDADE DE JUNÇÃO DE QUATRO VOGAIS

Há possibilidade de junção por “elisão e/ou crase” de “quatro vogais”.

É imprescindível não confundir “vogal” com “ditongo” que, apesar de ser composto por “vogais”, é “ditongo” — não é “vogal”.

A junção de quatro vogais “somente por crase parece-me impossível”, mas encontrei como fazê-la mediante “crase” e “elisão”. Na hipótese faz-se junção por “crase” das duas vogais iguais e contíguas, para, a seguir, juntá-las por “elisão” à outra vogal fraca por mediação da vogal forte.

A “força é a amada” charmosa
sempre a pensar no futuro
sempre mulher carinhosa
sabe amar amor maduro

Por outro lado, é relativamente fácil fazer a junção de quatro vogais “somente por elisão”. Na hipótese, primeiramente faz-se a elisão das vogais fracas diferentes, para, a seguir, elidi-las com a outra vogal fraca pela mediação da vogal forte.

“Poderoso é o amor” amando
que extrapola o social
quando a fêmea liberando
se mostra como animal

6-POSSIBILIDADE DE JUNCTÃO DE CINCO VOGAIS

É possível fazer a junção de “cinco” vogais” por meio da conjugação de “crase” e “elisão” — em hipóteses raras.

“Bela é a a assim” na pura escrita,
pois a crase é permitida
como está aí descrita
nesta hipótese contida

7 - ELISÃO DE DITONGO E VOGAL FRACA

As elisões de ditongos e vogais são possíveis em alguns casos. São três as regras para essa modalidade de diminuição de sílabas métricas.

São só três regras distintas
nessas elisões possíveis
muito claras e sucintas
sempre em condições cabíveis

PRIMEIRA REGRA: Os “ditongos decrescentes”, por “sinalefa”, aceitam “elisão” com “vogal fraca” que os “antecede”.

“E eu” a tudo vi distante
lá “do outro” lado do rio
“quando a aurora” tão brilhante
era o nosso regadio

SEGUNDA REGRA: Os “ditongos crescentes instáveis” aceitam “elisão” com vogal fraca que os “sucede”.

“Distância infinita” vê-se
no “velório e” cremação;
se na “pátria amada” crê-se
é da “mátria ocasião”

TERCEIRA REGRA: Os “Ditongos decrescentes” não aceitam elisão com vogal fraca que os “sucede”. O ideal é tentar construir o verso de outra forma, porém, sendo impossível, o “ditongo decrescente” e a vogal fraca não se juntam.

O “pai” “a” deixou pequena:
homem “mau” “o” perseguia;
eu “sou” “aquela” morena
que “partiu” “e” foi sem guia

8 - ELISÃO DE VOGAL FORTE E DITONGO DECRESCENTE

Existem casos de uso facultativo de “elisão” de “vogal forte” ao “ditongo decrescente”, mas somente quando a vogal for a “mesma” da inicial do ditongo e esta não for tônica.

“Será auspiciosa” a vinda,
quando “chegará” “airosa”
nossa princesa tão linda,
radiante e muito prosa.

Capítulo X

Outros Elementos de Versificação

Neste capítulo estão reunidos:

- 1) Enjambement.
- 2) Hipérbato.
- 3) Cesura.

1 - ENJAMBEMENT

O “enjambement” que também é nominado “cavalgamento” ou “encadeamento” consiste em expressar uma ideia em dois ou mais versos consecutivos.

USANDO ENJAMBEMENT

“Quando vi no teu olhar
a pureza deste amor”
“senti minh’alma brilhar
com rutilante fulgor”

2 - HIPÉRBATO

“Hipérbato” é recurso de estilo que consiste na inversão da ordem gramatical de certos termos para conseguir métrica perfeita.

Chamamos ordem gramatical, ou ordem direta, a colocação dos termos da oração na seguinte sequência: sujeito, predicado e complemento.

A inversão da ordem gramatical é que constitui o “hipérbato”.

O “hipérbato” é muito usado na construção de versos em razão de sua presteza para aumentar ou diminuir o número de sílabas métricas, ou para possibilitar rimas, ou, ainda, para dar ênfase.

USANDO HIPÉRBATO

O jantar está na mesa:
construção ordem direta;
“na mesa está o jantar”
fiz aqui ordem indireta.

3 - CESURA

“Cesura” é pausa rítmica no interior de um verso, dividindo-o em dois hemistíquios (duas partes com mesmo número de sílabas métricas).

A “cesura” tem sede nos versos alexandrinos, mas pode ser usada em outros versos.

Há regras que caracterizam os versos Alexandrinos:

Haverá sempre uma sílaba tônica na 6ª e na 12ª sílabas do verso.

A sexta sílaba do primeiro hemistíquio deve ser a última sílaba de uma palavra oxítônica.

Se a palavra for paroxítônica, esta deve terminar em vogal e a primeira palavra do hemistíquio seguinte deverá iniciar-se com vogal átona para aceitar elisão.

Não há como findar o primeiro hemistíquio com palavra proparoxítônica, ou paroxítônica com a terminação em consoante.

USANDO CESURA

Revivendo, talvez, encontremos a vez,
desse amor, meu encanto, a esperar por você,
essa amante tão prosa esbanjando altivez
nesse amor que convém sem sabermos por quê

Foi um tempo feliz, que vivemos assim:
sem saber que o futuro aguardava por dois
nos deixava o caminho aberto e livre enfim
para usando o querer decidirmos depois

O momento oportuno e incerto que chegou
qual um belo momento almejado meu bem
somos nós um sorriso amoroso que dou

Nestes dias de agora outra aurora surgiu
para sempre selando a pureza também
dessa eterna união que do nada emergiu

Informações Gráficas

Formato: 15 x 21cm

Mancha: 11 x 18,5cm

Tipologia: Palatino Linotype

Papel: AP90 g/m² (miolo) - Triplex 250 g/m² (capa)

Projeto editorial, impressão e acabamento: Editar Editora Associada - Juiz de Fora/MG

Tel.: (32) 3241-2670 - www.editar.com.br - contato@editar.com.br

Impresso em Março de 2024.